

INSTITUTO
 Documentação
 SOCIOAMBIENTAL
 Fonte: *Diário de Cuiabá (MT)*
 Data: *3/12/2000* Pg *81*
 Class: *27*

LINEAR COMUNICAÇÃO TEL. 225-3566 FAX 226-3007	JORNAL DIÁRIO DE CUIABÁ - MT		
	DATA 08 DEZ 2000	PAG: 01	CADERNO ciudades

GUATÓS

Os últimos canoeiros do Pantanal

Dispersos na periferia e integrados à cultura branca, eles voltam a ser foco de observação

MÁRCIA OLIVEIRA

Enviada a Poconé

Um dos povos indígenas nativos do Pantanal que podem ter sofrido com maior intensidade e ao mesmo tempo incorporado de forma mais ampla os costumes brancos são os guatós, índios canoeiros que hoje se encontram dispersos em bairros periféricos de cidades de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Dos antepassados e costumes que um dia os caracterizaram, os descendentes têm muito pouco. Seus avós, bisavós e tataravós foram usados como mão de obra em fazendas da região pantaneira e aliciados, trocavam suas canoas, meio de transporte e por vezes suas casas, por cavalos; e a caça e pesca pela profissão de vaqueiro.

Cantigas, contos, língua e práticas que mantêm viva uma tradição foram perdidos. Viraram peculiaridades de um grupo pequeno, hoje olhado por antropólogos, arqueólogos, etnólogos e outros estudiosos como preciosidades.

A sensação de perda da cultura pelos descendentes não é intensa. Foi construída ao longo da vida, das gerações e hoje não é lembrada com melancolia, mas como gestos e sensações que se escondem na memória. Estima-se que apenas 10 guatós conheçam a língua e que 500 deles existam. A maioria se confunde com o brasileiro pobre segundo o rumo que a vida lhe dá.

Segundo o gerente da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Cuiabá, Anivaldo José dos Santos, os guatós foram os primeiros índios a aceitar fazer o papel de guia do branco dentro do Pantanal. Também foram os fundadores das cidades circunvizinhas como Cáceres, Porto Espondião, Vila Bela, Poconé e Corumbá.

Eles viviam às margens dos rios São Lourenço, Paraguai e Cuiabá, e desenvolveram uma grande intimidade com a água. Adaptaram-se perfeitamente à forma de viver relacionada com o ciclo de secas e cheias do Pantanal. E por conta do lugar onde se estabeleceram, foram logo encontrados pelos colonizadores espanhóis e portugueses, que depois de amansá-los, os usavam como guias em suas expedições pela América do Sul.

O papel relegado ao guató pelo homem branco não foi diferente da maioria dos índios, custando sua quase extinção. Quando não eram mortos em guerrilhas, eram afetados por doenças infecciosas. A guerra do Paraguai foi um dos momentos de grande baixa na população desses índios.

A etnia foi pouco estudada, mas segundo a arqueóloga Maria Clara Migliaccio, referências à presença guató são feitas desde que os primeiros registros de brancos foram escritos na região, ainda no século XVI. "No começo eles aparecem como índios canoeiros pouco afeitos ao contato. Mas com o desenrolar do processo histórico, a população começou a ser dizimada e no século XIX já é caracterizada como dócil por Langsdorff (Georg von Henrich Langsdorff - médico naturalista e antropólogo alemão que fez expedições ao Brasil de 1821 a 1829 em nome do governo Russo). Mas todos que os estudaram deixaram muito claro que eram povos habituados a viver dentro das canoas", ressalta a arqueóloga.

Maria Clara informa que ao certo nunca se soube quantos eram e mesmo quantos são os guatós. Porém, Santos, diz que das 37 etnias existentes atualmente em Mato Grosso, a guató junto da umutina são as menos populosas. A etnia que conta com o

maior número de integrantes é a xavante, com 10 mil índios. Já a mais estudada é a bororo.

"Um grupo de trabalho formado por antropólogos, técnicos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária e da Funai está em campo para dimensionar o tamanho do território possível para os guatós. Nesse levantamento teremos um parâmetro sobre quantos são. Imaginamos que existam uns 150 em Mato Grosso e o restante no Sul. Já temos o recurso para a desapropriação, só faltam as informações", afirmou o gerente da Funai.

Outros estudos também poderão dizer há quanto tempo os guatós ocupam a área. Grande parte dos sítios arqueológicos do Pantanal foram formados a partir da prática guató de aterrar regiões mais altas para fugir da cheias. O mestre em arqueologia e professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Jorge Eremites de Oliveira, e autor da obra mais recente (1985) sobre a cultura desse povo, e prepara sua tese de doutorado denominada "Etnoarqueologia e Etnohistória Guato", que ele espera concluir até 2002.

Segundo Oliveira, seu interesse por eles surgiu por estarem diretamente ligados aos aterros arqueológicos e serem os únicos canoeiros sobreviventes. "Índios como os paraguas e guarapés que também eram canoeiros foram dizimados no século XIX. Dos que tinham o mesmo estilo de vida, apenas os guatós conseguiram sobreviver. Construíram os aterros conhecidos como "Capão de Mato" e

"Aterro de Bugre". E já existe a informação que essa prática é usada há 5 milhões de anos no Pantanal. Só não dá ainda para afirmar que eram os guatós que faziam", contou Oliveira.

O que distinguia o guato de outros povos era a forma de se

organizar e viver. Eles passavam vários dias dentro da canoa, usando técnicas para cozinhar sem ter que abandoná-la, conta Oliveira. A relação do guató com a água é tão marcante que o poeta mato-grossense, Manoel de Barros, diz que a língua guato "tem sons gotejantes".

Eram avessos à constituição de aldeias. Preferiam conviver apenas com suas famílias, se reunindo em determinadas ocasiões para conversar, realizar rituais e beber o chá de chicha, feito com a seiva de uma palmeira. "Esses rituais deram origem a danças consideradas típicas de Mato Grosso como o siriri e cururu. Eles também eram caracterizados como povo que tinha um estreito relacionamento com o ambiente pantaneiro. Aproveitavam o arroz nativo, que nascia e crescia na água. Não plantavam. Além de comer carne de animais que também viviam na água. Já a produção cerâmica era muito utilitária", contou Maria Clara.

A constituição física do guató, segundo a arqueóloga, apresentava o tronco e os braços mais desenvolvidos que as pernas. Já o pintor que acompanhou a expedição Langsdorff, Hércules Florence, diz que eles pareciam índios europeus. Grandes, barbudos e contemplativos, não contavam os anos, o tempo

Descendente mais antigo tem 104 anos e ainda está lúcido

Da Enviada a Poconé

Um dos mais antigos descendentes de guato identificado em Mato Grosso tem 104 anos e mora na rua Tiradentes em Pocone. A reportagem do *Diário* conseguiu falar com ele no último dia 30 durante as filmagens do longa-metragem "Quinhentas Almas", documentário do qual ele fará parte.

Inocência Rondon está doente, mas lúcido. Recobra passagens de sua vida na fazenda São José, propriedade do homem que o criou "desde gurizotinho" e diz, com a firmeza que a idade lhe permite, que o guato "Eu tenho um filho que é matador de onça, ele tem a mesma coragem que eu. Fui criado na corredeira do rio Paraguai, desse rio conheço tudo. Rio grande, que nunca seca. Eu sou guato, sou índio guató. Meu sobrenome foi dado por Antônio João de Arruda, fazendeiro que me criou", conta com voz mansa, mas incisiva.

Inocência fala que não tem vontade de morar com guatos caso uma região seja demarcada só para o povo. Diz já ter se acostumado com a casa e o lu-

gar onde vive. Ao ser questionado sobre a importância da canoa para o povo, ele define "cavalo deles e canoa, avião deles e canoa, lancha e canoa. Foram criados dentro da canoa".

O índio não sabe falar a língua, não se lembra de cantigas e lendas. Foi levado para fazenda quando tinha sete anos e lá trabalhou como vaqueiro por toda sua vida.

De seus fragmentos de história, conta que participou de um episódio recente e conhecido da história brasileira. Trabalhou para afugentar os soldados rebeldes que acompanhavam a Coluna Prestes, movimento que surgiu da revolução tenentista deflagrada em São Paulo em 1924 e teve fim em 1927. O movimento exigia a instituição do voto secreto, a obrigatoriedade do ensino primário, a centralização do poder e atribuições limitadas ao Exército. "Vocês já devem ter ouvido falar da Coluna Prestes, com o Siqueira Campos, fui um dos índios que saíram vivos do fundo do rio. Muitos foram mortos, muitos passaram. Eu ainda estou aqui", conta. Em 1924 Inocência tinha 28 anos. (MO)

'Sinto-me um pouco índia, não gosto muito da cidade'

Da Enviada a Poconé

A cozinheira Leonilza Rondon, de 49 anos, e a professora Maria Rita Rondon Rodrigues, 52 anos, são irmãs e filhas do guato Inocência. Elas cresceram e criaram seus filhos totalmente distantes da cultura de seus ancestrais. "Quando morava na São José com meu pai, ele já mexia com gado, amansava cavalo bravo e era só isso que sabíamos. Depois ele levou minha mãe para a cidade e continuou trabalhando na fazenda. Mas me sinto um pouco índia, não gosto muito da cidade", afirmou Leonilza.

Em Pocone ela estudou até a 5ª série do atual ensino fundamental e foi trabalhar com uma família paulista.

Com eles viveu 16 anos, aprendeu a cozinhar pratos da comida síria, japonesa, norte-americana e de vários Estados brasileiros, porém, deixou de estudar. Atualmente cozinha para os trabalhadores de uma mineradora em Cuiabá e mora no bairro Novo Paraíso. "O que eu sei dos guatos é o que contaram do modo de vida da minha avó. Ela nunca foi para cidade e fazia sua casa em copas de

árvore. Viviam da carne de caça e se dava muito bem com os animais da região", conta.

Já Maria Rita declara que se sente muito mais branca que índia. É professora do ensino ciclado numa escola pública de Pocone e admite que nunca menciona suas origens. "Estamos fazendo um trabalho na escola sobre etnias indígenas e em função das gravações do filme disse aos meus colegas que era descendente de guato. Eles ficaram surpresos. Mesmo com os meus filhos, não tenho hábito de comentar. Para ser sincera tinha até esquecido que era descendente de guato", diz.

Apesar do distanciamento, Maria Rita conta que tentou aprender a língua e acha importante que a história seja lembrada. "Fazer renascer as coisas que estão morrendo, contar a história de um povo pouco conhecido e muito importante. Tenho poucas lembranças da vida na fazenda, mas me lembro de uma coisa: costumava mergulhar para brincar de casinha dentro da água. É uma característica que acho que está no nosso sangue, e o gosto pelo silêncio, falo pouco e gosto disso", conta a professora. (MO)

LINEAR COMERCIALIZAÇÃO TEL. 225-3566 FAX 226-3007		JORNAL RIO DE CUJABA - RJ
DATA 03 DEZ 2000	PAG 0-1	CADERNO Estudos

- 271 (ent. 1)